

VIOLAÇÃO DE DIREITOS / Segundo dados da OIT e Unicef, há 160 milhões de pessoas na faixa de 5 a 17 anos perdendo a infância no mundo inteiro. Entre 2016 e 2019, houve um aumento de 0,8% no Distrito Federal

Cresce número de **crianças e adolescentes** trabalhando

» MARYANNA AGUIAR*
» ANA LUISA ARAUJO

Ana Luisa Araujo/CB/D.A Press



Crianças vendem artigos na rodoviária por mais de meio período. Há um mês ajudam a avó

K., J. e V. vão para a Rodoviária todos os dias vender chinelos, sandálias e babydolls. Eles têm 14, 13 e 11 anos respectivamente e são irmãos. A mãe deles morreu de câncer, e eles moravam em Campina Grande, na Paraíba, por isso, eles vieram para Brasília morar com a avó há cinco meses. Antes eles estavam em casa, mas há um mês começaram a trabalhar junto com a avó Socorro Lima da Silva, 51 anos, para ajudar nas vendas.

Conforme eles dizem, estão em recesso escolar. E o maior deles, K., é quem responde a maioria das perguntas, os outros dois complementam em um coro. Apesar de estarem trabalhando, as crianças parecem animadas, em especial a menor.

“Ficamos aqui das 11h às 19h, o movimento está um pouco fraco esses dias, não temos conseguido vender muita coisa”, afirma K.

A avó, e o marido dela, Robélio Avelino, 53, estavam presentes no momento e também falaram com a reportagem. Socorro afirma que está tentando conseguir a guarda das crianças, apesar de o pai morar em Brasília, ele sequer conhece a filha mais nova. “A pensão de R\$ 200 quem paga é a mãe do pai deles, porque ele sumiu”, desabafa.

Enquanto a reportagem conversa com a avó, J. atende um cliente. A provável compradora parece em dúvida, e J. questiona “ele calça quanto?”, como um verdadeiro vendedor, ele tenta barganhar e conseguir a compra, apesar de ter somente 13 anos.

Os cinco: K., J., V., e os avós estão dentro das estatísticas. De acordo com a Organização Internacional do Trabalho (OIT) e o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), das 160 milhões de crianças que trabalham ao redor do mundo, 72,1%



Ainda não foi analisado o efeito da pandemia sobre isso no Brasil ou no DF, mas é de se imaginar que piorou”

*Daienne Machado,
diretora de Estudos
e Políticas Sociais da
Codeplan*

fazem isso junto à família.

E os dados são assustadores. Desse total, há mais de oito milhões de crianças trabalhando, somente na América Latina e no Caribe. Os dados são da OIT e do Unicef, a respeito do ano de 2020, em estudo publicado em junho de 2021.

A OIT tem uma classificação das piores formas de trabalho infantil. A Convenção 182, adotada por diversos países, define as atividades que mais oferecem riscos à saúde, ao desenvolvimento e à moral das crianças e adolescentes. Entre elas estão a exploração sexual, o trabalho nas ruas, em carvoarias e lixões, na agricultura, com exposição a agrotóxicos e ao trabalho doméstico. Do total de crianças trabalhando, 79 milhões estão em trabalhos perigosos.

De acordo com o IBGE, na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua sobre Traba-

lho de Crianças e Adolescentes, em 2019, existiam 1,8 milhão de pessoas no trabalho infantil no Brasil, indicativo de queda de 16,8% frente a 2016, apesar de no DF ter aumentado. Naquele ano, a totalidade chegava a 2,1 milhões.

Em questão de gênero e raça/cor, meninos e negros são maioria. Do total, 66,4% são do gênero masculino e 66,1% pretos ou pardos. Em 2019, entre a população brasileira de 5 a 17 anos, 96,6% estavam na escola, mas entre crianças e adolescentes em trabalho infantil apenas 86,1% estavam matriculados em algum local de ensino.

A pesquisa também mostra que mais da metade dessas pessoas têm entre 16 e 17 anos. Apesar de serem adolescentes, a lei proíbe trabalho infantil para essa faixa etária.

Não há dados sobre esse cenário depois da pandemia, numa escala de nível nacional, mas é de se

imaginar que piorou. Um estudo, com recorte dos anos 2016 a 2019, feito pela Fundação de Assistência Social e Cidadania (Fasc) de Porto Alegre (RS) indica isso. De acordo com o levantamento, 334 crianças e adolescentes foram abordados pela primeira vez em situação de trabalho infantil na cidade. Em 2019, haviam sido 120, o que significa um aumento de 178,3%.

No Distrito Federal, considerando o intervalo entre 2016 e 2019, havia proporcionalmente menos crianças e jovens em situações de trabalho do que no Brasil. Mesmo assim, houve uma redução, a nível nacional, de trabalho infantil: de 4,8% para 4,2%. No DF, entretanto, ocorreu um aumento de 0,8%, passando de 2,2% para 3%, segundo estudo da Companhia de Planejamento do Distrito Federal (Codeplan).

Assim como no Brasil, a capital do país também tem mais crianças negras trabalhando. Inclusive, houve um salto no número — de 2,8% para 3,3%. Um dos dados que talvez seja mais absurdo é o de meninas: em 2016, havia 0,8%, enquanto em 2019 a porcentagem subiu para 2,2%. A quantidade de meninos trabalhando também aumentou, de 3,5% passou para 3,8%.

Em nota, Daienne Machado, diretora de Estudos e Políticas Sociais da Codeplan, explica que o estudo analisou os dados disponíveis no IBGE para o DF, no intervalo 2016 e 2019. “Vimos que, nesse período, a proporção de crianças em trabalho infantil ficou abaixo da média do Brasil, mas cresceu. Ainda não foi analisado o efeito da pandemia sobre isso no Brasil ou no DF, mas é de se imaginar que piorou, seguindo o que aconteceu no resto do mundo, conforme apontaram Unicef e OIT recentemente”, diz.

* **Sob a supervisão da subeditora Ana Luisa Araujo**